ISCTE IUL
REPOSITÓRIO
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:
2026-11-18

Deposited version:
Publisher Version

Peer-review status of attached file:
Peer-reviewed

Citation for published item:
Milheiro, A. V. (2025). Waterford Kamhlaba: Nove frames de um estaleiro habitado. In Miguel Santiago (Ed.), Cem Anos – Pancho Guedes (pp. 52?61). Fundação Serra Henriques.

Further information on publisher's website:
https://www.fundacaoserrahenriques.org/edicao/

Publisher's copyright statement:
This is the peer reviewed version of the following article: Milheiro, A. V. (2025). Waterford Kamhlaba: Nove frames de um estaleiro habitado. In Miguel Santiago (Ed.), Cem Anos – Pancho Guedes (pp. 52?61). Fundação Serra Henriques.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

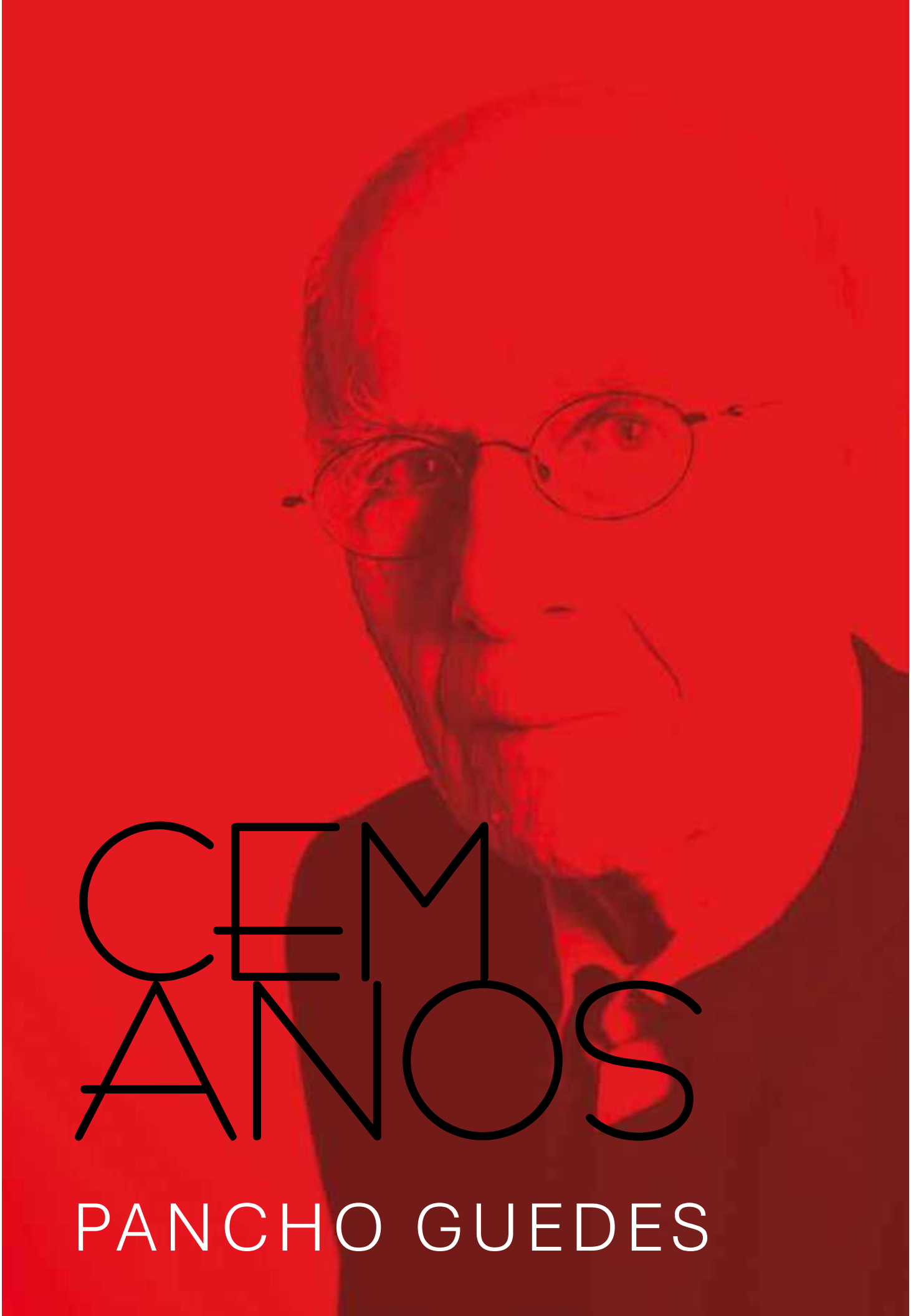
Use policy

Creative Commons CC BY 4.0
The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Serviços de Informação e Documentação, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)
Av. das Forças Armadas, Edifício II, 1649-026 Lisboa Portugal
Phone: +(351) 217 903 024 | e-mail: administrador.repositorio@iscte-iul.pt
https://repositorio.iscte-iul.pt



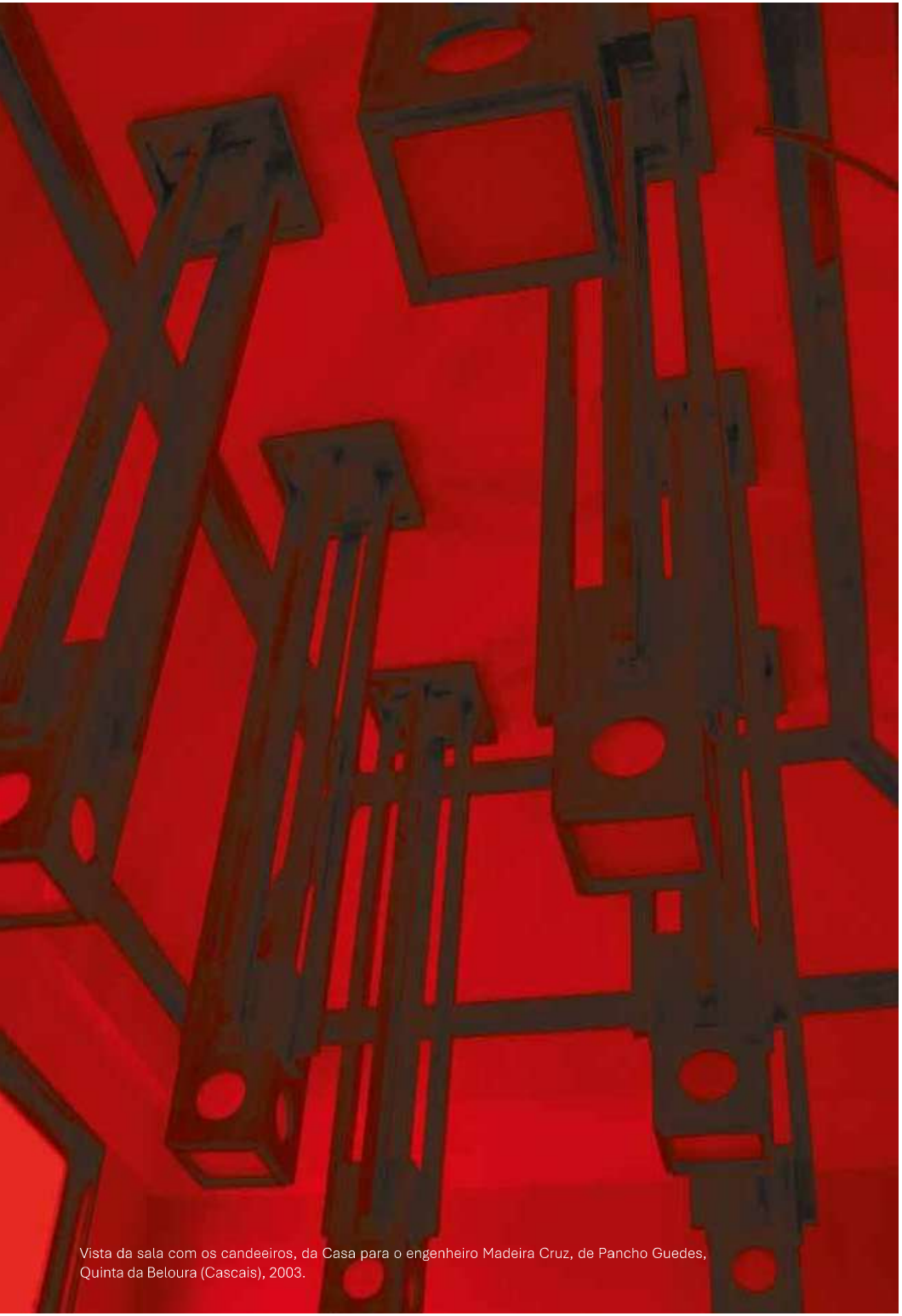
CEM ANOS

PANCHO GUEDES

CEM ANOS

PANCHO GUEDES

PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO SERRA HENRIQUES
2025



Vista da sala com os candeeiros, da Casa para o engenheiro Madeira Cruz, de Pancho Guedes, Quinta da Beloura (Cascais), 2003.

Waterford Kamhlaba: nove frames de um estaleiro habitado

[notas de campo]

Ana Vaz Milheiro
Investigadora-Coordenadora, Dinâmia'iscte

Estórias

Em Fevereiro último, Pedro Guedes visitou-me no meu gabinete no iscte. Trazia consigo duas *pen drives* com pastas de arquivos do pai – Pancho Guedes – que desejava mostrar-me. Tínhamos dias antes conversado ao telefone. Não esperava ter notícias de Pedro, o que tornou a conversa tão inesperada quanto calorosa. Entre o material de arquivo que partilhou estavam dois filmes, com 28'27 e 17'31 minutos, sobre os primeiros tempos da escola de Waterford, em cuja construção Pancho esteve envolvido entre 1961 e 1972. Pedro frequentou-a quatro anos e foi aluno da turma inaugural[1]. Os vídeos tinham-lhe chegado via email, através de uma rede ligada às históricas lutas políticas anti-segregacionistas da África do Sul.

Começo este texto em tom confessional porque é uma escrita sem compromissos de um encontro que terá, certamente, um forte impacto no meu trabalho futuro. Desde 2007, a primeira vez que falei com Pancho sobre a sua obra enquanto "historiadora de arquitectura", que África do período colonial se transformou num território sob o meu "radar" de investigação[2]. Um primeiro ensaio em 1998 resultara de conversas breves e informais e de uma recolha (tão superficial quanto ingénua) do estado da arte[3]. Genericamente, corroborava a falta de informação à época sobre a produção arquitectónica no continente africano desenvolvida sob o regime colonial.

No final de 2007, estava ocupada a preparar um artigo para uma apresentação no II Docomomo Sul Brasil. Carlos Eduardo Comas, professor na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

1. Pedro Guedes deixou Waterford em 1967.

2. Cf. A.V. Milheiro, 2012. *Nos Trópicos sem Le Corbusier: Arquitectura Luso-Africana no Estado Novo*. Lisboa: Relógio d'Água.

3. Cf. A.V. Milheiro, 1998. "Territórios de Sonho para a Arquitectura Portuguesa, Modelos e Miscigenação", *Urbe* ("Urbanidade e Património"). Lisboa: IGAPHE, 19-41.

desafiara-me a submeter um "paper" a uma das sessões, cujo congresso teria lugar em Porto Alegre no Verão (português) do ano seguinte[4]. O tema geral focava-se no "Concreto – Plasticidade e Industrialização na Arquitetura do Cone Sul Americano"[5]. Tendo recentemente defendido tese de doutoramento em São Paulo sobre as relações entre as culturas arquitectónicas portuguesas e brasileiras desde a independência, pareceu-me adequado falar sobre a arquitectura colonial de expressão moderna em África através de três percursos profissionais ligados ao uso do betão, com ligações afectivas à arquitectura brasileira.

Escolhi dois trajectos em Angola: o de Fernão Lopes Simões de Carvalho, que fora meu professor na Faculdade de Arquitectura em Lisboa nos anos oitenta do século passado e tinha especial apreço por construções em betão por via da sua fixação em Le Corbusier; e o de Francisco Castro Rodrigues, admirador confesso da arquitectura brasileira desde os anos cinquenta. Castro Rodrigues morreu sem nunca visitar o Brasil e as obras que tanto citava. Eu iria a Angola visitar os edifícios dos dois arquitectos, pela primeira vez, em 2009.

Em Moçambique a escolha óbvia era Pancho. Fora aliás, apelidado no Brasil "o Niemeyer do Índico", durante a sua viagem ao país, a propósito da Bienal de São Paulo de 1961. Da África subsariana, só conhecia a sua obra em Maputo que visitara em 2005 durante uma semana, com o Jorge [Figueira] – então a preparar o doutoramento[6] –, guiados com um mapa desenhado por Miguel Santiago e "editado" por Pancho. Santiago seria o autor da primeira monografia sistemática sobre Pancho editada em português em 2009[7].

Como os três arquitectos estavam vivos, a minha apresentação haveria de usar as suas "estórias". Eram "conversas", orientadas por uma curiosidade naïve e total ausência de enquadramento teórico. Segundo as minhas anotações, esse primeiro encontro com Pancho de 2007, realizou-se talvez em Junho ou Dezembro, completando-se somente a 18 de Junho do ano seguinte. Teria sido esta última conversa, ainda segundo as mesmas notas, que incidiria sobre engenheiros e operários.

Vale a pena recordar algumas das personagens então apontadas. Retive na

4. Cf. A.V. Milheiro, 2009. "Experiências em Concreto Armado na África Portuguesa: Influências do Brasil". *Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação e Urbanismo da FAUUSP*, 25 (Junho), 56-79.

5. https://docomomobrasil.com/course/2-seminario-docomomo-sul-porto-alegre-2008/.

6. Cf. J. Figueira, 2015. *A Periferia Perfeita: Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa - Anos 1960-1980*. Casal da Cambra: Caleidoscópio.

7. M. Santiago, 2009. *Pancho Guedes. Metamorfoses Espaciais*. Casal da Cambra: Caleidoscópio.

época dois profissionais: um operário e um serralheiro. O primeiro de nome Gonçalves era essencialmente um "muralista", já que Pancho o identificou como "pedreiro de rebocos" e "responsável pelos murais do Leão que Ri e do [restaurante] Zambi"; e o segundo era o Feliciano que também trabalhou no Leão[8]. Durante o fluir da conversa, não me ocorreu perguntar se estes operários eram "colonos" ou de origem africana. Mas mais à frente, contudo, testemunharia serem os carpinteiros da antiga Lourenço Marques (actual Maputo) treinados nas escolas de Artes e Ofícios ligadas às missões religiosas, instituições empenhadas em atender as populações locais.

Construtores

O interesse de Pancho pela mão-de-obra africana, tecnologias e expressões vernaculares, está documentada. Atravessa os projectos que elencou como "Palhotas e Palácios de Capim" na exposição do Centro Cultural de Belém (CCB), em 2009, intitulada *Vitruvius Mozambicanus*[9]. Este trabalho está fundamentado como tendo atravessado o período que se estendeu de 1951, com uma residência na montanha do Tzeserra; até 1984, com a Casa Schipper (Henley on Klip, África do Sul), cujo cliente afinal haveria de construir sozinho, "tal como um pioneiro africânder"[10].

Já o envolvimento das comunidades na construção de obras desenhadas por Pancho teve o seu corolário na Escola Clandestina no Caniço, iniciada em 1968 (actual Maputo, Moçambique). A sua existência ganharia camadas historiográficas mais densas com a imagem da famosa visita de Peter Smithson aquando da viagem do casal Smithson a Moçambique, e com a guerra de libertação já em andamento desde 1964. A sua demolição pode ter acontecido por potencializar uma "ameaça" moral às aspirações "progressistas" do regime. Como resultado, as competências tectónica, estética, económica e funcional de que era portadora, ficariam comprometidas perante a historiografia. Entre as estórias que ficaram igualmente em suspenso com esta destruição precoce, estavam as das mulheres suas construtoras, operárias numa fábrica de caju e principais interessadas num equipamento que iria acolher crianças em idade pré-escolar[11]. A propósito da sua concretização, Pancho indicaria

8. Milheiro, 2012: 101.

9. Retoma-se o título do número dedicado ao seu trabalho na revista *Arquitectura portuguesa*, 1985.

10. Schipper House, Henley on Klip, South Africa, 1984. P. Guedes, 2009. *Vitruvius Mozambicanus*. Lisboa: Fundação de Arte Contemporânea/Colecção Berardo, 175.

11. P. Guedes, 2009. "Escola Clandestina no caniço – Lourenço Marques Moçambique, 1968", 173.

simultaneamente o espírito de entreajuda e a inércia do estado colonial: "Se as pessoas durante um fim-de-semana pusessem de pé a estrutura e o telhado, a casa podia ficar". Relatava uma longa tradição de torpor colonial perante as realidades "marginais" à cidade formal: "A barraca, a palhota de canas ou paus e a casa de chapa ondulada [eram] os únicos tipos de construção permitidos ... porque [eram] consideradas temporárias e fáceis de demolir."[12]

Narrativas sobre populações abertas à participação na materialização de programas colectivos, expunham modos involuntários de resistência. Estes construtores "improváveis" encontravam-se empenhados, por exemplo, na realização das "máquinas de aprender", projectadas por Pancho, onde se destacavam as escolas do mato[13]. Edifícios "em cuja construção estiveram ausentes os tradicionais empreiteiros"[14], foram peças chave no seu percurso e têm dominado a atenção recente sobre o seu trabalho[15]. Recorreram a tecnologias híbridas[16], professando outro tipo de transgressões. Eram já uma combinação de engenho com sobrevivência que "creolizava" as rotinas construtivas.

Encomendas da Missão Presbiteriana, estes edifícios iriam revelar o fascínio que as construções realizadas em ambiente colaborativo teriam sobre si. Na escola agrícola de Chicumbane, "todo o trabalho foi feito manualmente, dando oportunidade ao maior número possível de pessoas de ... participar na construção da escola ... dos seus filhos".[17] Arquitecto e comunidades estavam implicados na realização de um equipamento que visava formar lavradores capazes de se emanciparem da subalternidade do estado colonial. O processo construtivo era marcado por uma determinação inabalável: limpar o terreno de pedras, lançar fundações, trazer a areia do rio, produzir os blocos com cimento e areia. Da carpintaria improvisada, e das árvores em redor, nasceriam as caixilharias. Pancho

12. P. Guedes, 2007 (1971). "Os caniços de Moçambique", *Manifestos, Ensaios, Falas e Publicações*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 70.

13. P. Guedes, 2007. "Escolas do mato", 78-83.

14. P. Guedes, 2007. "Escolas do mato", 78.

15. S. Balzan, 2022. *Amâncio (Pancho) Guedes and the Protestant Missions Socio-spatial Alternatives in Late Colonial and Postcolonial Mozambique*. Dissertation zur Erlangung der Wu ̈rde einer Doktorin der Philosophie vorgelegt der Philosophisch-Historischen. Bassel: Fakulta ̈t der Universita ̈t Basel.

16. D. Edgerton, 2007. "Creole technologies and global histories: rethinking how things travel in space and time", *HoST* 1, 75-112.

17. P. Guedes, 2007. "Escolas do mato", 79.

permaneceria "muito tempo no local, a fazer marcações, a inspeccionar ... e a construir a armação do telhado"[18].

Esta e outras escolas foram visitadas e analisadas por Silvia Balzan, entre 2019 e 2022, sugerindo, entre outras reflexões, que os seus edifícios se mostravam ainda hoje "both autonomous and heteronomous..." [19] Não foi o/a primeiro/a autor/a apontar uma heteronomia em Pancho[20]. A ideia acabaria por atravessar ensaios que tentaram colocar o seu percurso à margem do sistema colonial, como Balzan. A sua autonomia face aos circuitos oficiais saíra reforçada por nunca ter ingressado no funcionalismo público, por exemplo. Mas também era salvaguardada pelo modo como se manifestou em relação ao urbanismo colonial[21]. Simplesmente, se Pancho "não [demostrava] má consciência enquanto *colonizador*"[22], como propôs Jorge Figueira em 2006, era porque não se identificava como tal. A hipótese de Pancho ter averbado uma crítica pós-colonial *avant la lettre*, pode, entretanto, ser colocada através de investigações sobre obras com processos idênticos a Waterford, como se verá. À superfície, todavia, tudo parecia ser uma questão performativa. E por isso, tudo apontava para que no antigo reino da Swazilândia, essa performance se tivesse previamente encenado na escola-estaleiro de Waterford.

Os primeiros anos de Waterford

A escola de Waterford, actual Waterford Kamhlaba – United World College for Southern Africa, localiza-se numa colina a quatro milhas de Mbabane, à época capital do reino da Swazilândia. Receberia o nome Kamhlaba somente em 1967, atribuído pelo Rei Ngwenyama Sobhuza II.[23] Em 2018, o país passou a denominar-se reino de Essuatíni ou "terra dos swazi". Todavia, em 1962, ano do arranque do projecto, este território constituía ainda um Protectorado Britânico que albergava uma população de menos de um quarto de milhão, incluindo dez mil "europeus". Michael Stern

18. Ibidem.

19. S. Balzan, 2022, 383.

20. A ideia está presente no ensaio de Jorge Figueira para o catálogo da representação oficial portuguesa na 10ª Exposição Internacional de Arquitectura – Bienal de Veneza, realizada em 2006. J. Figueira, 2006. "A mão que embala o berço – Pancho Guedes dentro e fora do Team 10". A. (P.) Guedes; R. Jacinto; C. Taborda, 2006. *Lisboscópio*. Ministério da Cultura, 99-109 (cf. p. 100).

21. Guedes, 2007 (1963) "A Cidade Doente", 30-33.

22. Figueira, 2006, 105.

23. "The King's name for Waterford-Kamhlaba", *The Times of Swaziland*, 03/11/1967.

foi o primeiro director de Waterford.[24] Já no continente africano, a sua experiência enquanto pedagogo tinha-se dado na África do Sul, onde chegara em 1955. Entretanto, o endurecimento do sistema do *apartheid* (1948-1994) levara a situações críticas de segregação e perseguição nas escolas sul-africanas, forçando Stern a procurar alternativas fora do país. O objectivo era criar uma escola multirracial masculina, independentemente da etnia, religião ou rendimentos económicos.

A iniciativa seria apoiada pelo antigo governo da Swazilândia e pela Igreja Anglicana. Retirava do programa educacional britânico as bases académicas, mantendo relações com escolas consideradas então de referência e que são citadas em diferentes fontes, como Bedales, Bradfield, Winchester, Marlborough, ou Greshams.[25] A escola seria patrocinada através de mecenato privado, também dentro da tradição anglo-saxónica. A Fundação Calouste Gulbenkian, por exemplo, figurou entre as primeiras agências financiadoras[26]. Stern permaneceu à frente da escola durante a sua primeira década de existência.

Dos recortes de imprensa reunidos no arquivo de Pancho sobre Waterford, o mais antigo descreve o arquitecto como um "homem que [traduzia] sonhos em realidade – em betão", recorrendo a expressões arquitectónicas que se afirmavam no domínio público, exterior à cultura arquitectónica, como "fluid-sculptural style"[27]. O artigo foi publicado em Julho de 1962, por Gerald Shaw[28]. Pancho era referenciado como um profissional de "estatura internacional" que oferecia o seu trabalho gratuitamente para que o projecto de Waterford avançasse. Entre as questões colocadas pelo jornalista, perguntava-se "o que o movia?". Pancho atribuía o seu envolvimento ao facto de se identificar com o desejo de Stern em construir uma escola de mérito para ser frequentada por rapazes de diferentes etnias ou religiões. Partilhavam a vontade de formarem os futuros "leaders for Southern Africa"[29].

24. Michael Stern foi descrito por Balzan como "one of the most influential educationalists of the post-war era in Great Britain... enjoyed a distinguished career ... before and after his pioneering work in Southern Africa". Balzan, 2022, 195. A história do seu envolvimento com a criação da escola pode ser consultada em https://www.waterford.sz/about/history/.

25. Cf. "Beyond the Barriers of Colour and Creed", *The Times*, 06/10/1964, 14.

26. https://www.waterford.sz/about/history/

27. G. Shaw, 1962. "A dream comes true...and a school is born where colour does not cunt", *The Rand Daily Mail*, 12/07/1962

28. Sobre Gerald Shaw e o seu percurso profissional de oposição ao regime do apartheid, cf. Heribert Adam, 2008. "Review Article: Reflections on Anti-Apartheid Journalism: Gerald Shaw's Autobiography." *Africa Spectrum* 43, no. 1, 159–62. http://www.jstor.org/stable/40175228.

29. Shaw, 1962.

No artigo salientava-se a simplicidade dos edifícios, concretizados a partir dos meios disponíveis no lugar: *pedras e areia das colinas*. Antecipava-se que "as paredes [seriam] de tijolos de betão revestidos a argamassa"; o telhado em betão pintado de branco e inclinado, acompanhando o contorno da encosta. Construído em parceria com a comunidade escolar que também beneficiaria dele, todo o complexo pertenceria à colina. Shaw identificava a forte atracção do arquitecto pelas expressões africanas, principalmente nas intervenções decorativas, como os murais, onde se destacavam as colaborações com os artesões que ia recrutando nos arredores da capital moçambicana.

Quase meio século depois do arranque de Waterford, justificaria a sua relação também com a falta de alternativas educacionais em Lourenço Marques. Mas teria sido a possibilidade dos seus filhos frequentarem uma instituição multirracial que o atraíra, bem como a Dorothy Guedes (Dori). Pedro tem insistido no peso de Dori nas decisões de Pancho e até no aprofundamento de uma consciência política anti-regime. É uma hipótese que pode igualmente trazer novas perspectivas ao seu percurso profissional, estendendo-se mesmo à decisão em se tornar "arquitecto honorário" de Waterford, um projecto com uma forte agenda política desde o início.

Em 1962, criara-se a expectativa de que os equipamentos que compunham o complexo escolar estivessem completos em oito anos, prevendo-se a frequência de 120 alunos. Um novo artigo, de 1964, reflectia sobre a diversidade dos estudantes entretanto inscritos: vinte europeus, dez africanos, quatro "euroafricanos", três indianos e um chinês (originário de Moçambique). Uma fotografia facultada por Pedro, mostrava-o juntamente com Fernando Honwana[30] e Rui Wong. Os três únicos alunos da antiga colónia portuguesa na época, pousavam então com Stern em 1965.

Parecia existir uma obsessão com a provocação que a instituição representava para os defensores da segregação racial. Poderia uma escola multirracial ser bem-sucedida? *Does it works?* (Perguntava-se). Tratava-se de superar a dura realidade colonial "[by] training young people to face the future in a multi-racial world"[31]. O ensino ministrado estava ao nível do secundário e a população estudantil tinha entre 14 e 16 anos, preparando-se para prosseguir estudos universitários. A pluralidade estendia-se à convivência de diferentes crenças religiosas entre anglicanos, luteranos,

30. Honwana integrou a luta armada anti-regime colonial, aderindo à FRELIMO. Morreria no acidente de avião que vitimou também o então presidente de Moçambique, Samora Machel, em 1986.

31. "Beyond the Barriers of Colour and Creed"...

católicos, presbiterianos, quakers, judeus, muçulmanos, agnósticos e zoroastrianos. O objectivo a atingir subira, entretanto, para 150 estudantes em 1968[32].

O mesmo artigo de 1964, interpelava a localização de Waterford: "Why did you choose such a hill?" O terreno situava-se, na verdade, a 4,500 pés acima do nível do mar e 500 pés acima de Mbabane: "Well, you must admite it's a fine view..." Chegava-se por uma estrada, nem sempre transitável, apesar dos melhoramentos realizados pelo governo que apoiava o empreendimento. Aliás, desde o início da fundação, que a sua existência em solo swazi fora encorajada pelas autoridades locais como uma alternativa aos sistemas segregacionistas em recintos de escolas. "What happens when they mix? – questionava-se acerca das dinâmicas inter-raciais de Waterford – "Much the same as happens whenever young people meet"[33].

O terreno onde a escola se erguia era já ocupado com o conjunto edificado *the Rondavels*[34], que acolheu os primeiros estudantes. O lote tinha 200 acres e, em 1964, encontravam-se construídas parte das residências com os respectivos dormitórios, balneários, sala de jantar, cozinha, salas de lazer e apartamentos para funcionários. Segundo o mesmo jornal, as salas de aulas estavam a ser financiadas pela Wolfson Foundation[35] e os laboratórios de ciências seriam patrocinados por um fundo sul-africano. No futuro previam-se mais salas de aulas, uma segunda residência, capela, auditório, biblioteca, casas e mais apartamentos para funcionários e empregados.

A escola-estaleiro em nove frames

A oportunidade de escrever este texto significou retomar o diálogo que ficou suspenso desde primeiras as conversas com Pancho, aproveitando para evocar a sua relação com o acto performativo e didático que o estaleiro de obra poderia representar. Debateria Waterford com os seus colegas do Team 10, no encontro em Royaumont, logo em 1962, onde se analisaram outros projectos igualmente "in the preliminary design phase"[36]. Durante a reunião, a sua apresentação seria acolhida como "corajosa". Descreveria

32. "Beyond the Barriers of Colour and Creed"...

33. "Beyond the Barriers of Colour and Creed"...

34. Uma referência à estrutura circular de parte da planta do edifício.

35. https://www.wolfson.org.uk.

36. P. Smithson, 1975. Abertura. "Team 10 at Royaumont 1962", AD: 664-689 (664).

então o lugar como "completely isolated"[37]. Este isolamento acabaria por conferir à experiência da sua construção um enquadramento diferenciado de outras obras em que estava envolvido em Moçambique, principalmente as urbanas.

Waterford abriu no ano seguinte à reunião do Team 10, a 2 de Fevereiro, tendo Pedro Guedes, como vimos, integrado o grupo inicial de quinze estudantes. A sua irmã Verónica ingressaria poucos anos depois como a primeira estudante rapariga[38]. No mês seguinte, seria oficialmente inaugurada pelo comissário da Rainha, Sir Francis Lloyd, e posteriormente pelo soberano da nação swazi. Pancho deslocava-se à obra aos fins-de-semana para supervisionar o seu progresso, já que Lourenço Marques ficava a pouco mais de cem milhas (cerca de 221 quilómetros[39]). Talvez levasse consigo alguns operários portugueses de Moçambique, uma vez que a experiência de Waterford possibilitava fazer do estaleiro um lugar de aprendizagem. Como se comentou em Royaumont, eram projectos que permitiam a Pancho contribuir para dotar trabalhadores africanos com formações inseridas em categorias progressivamente mais *ocidentalizadas*, transformando-os em "draughtsmen, wood carvers, muralists, embroiderers..."[40]

Todos estes acontecimentos ficaram registados no primeiro filme, que arrancava na chegada dos primeiros residentes e nas preparações do terreno, dando início à edificação da escola. Foi realizado entre 1962 e os primeiros meses de 1963, com uma câmara de filmar que pertencia a Stern. Segundo conseguiu saber Pedro Guedes, Stern "emprestava a máquina a outros professores, e a alguns alunos para documentar o dia-a-dia e crescimento da escola". Mais recentemente seria editado pela filha, Miranda Stern e, embora não existam dados referentes às personagens anónimas filmadas, autorias das filmagens e suas datas exactas, permitiu reconstruir as tarefas realizadas. Apesar da fraca qualidade das imagens, expunha exemplarmente como Waterford se transformou num estaleiro habitado.

37. Conversa transcrita entre os diferentes intervenientes do Team 10, durante o encontro realizado em Royaumont [França, 12-16/09/1962]. P. Guedes, 1962. "Team 10 at Royaumont 1962", 667.

38. [P.] Guedes, 24/08/1976. "Conferência inaugural de Amancio d'Alpoim Guedes Professor e Diretor do Departamento de Arquitetura da Universidade de Witwatersrand", *Fragments from an Ironic Autobiography*, Joanesburgo: Witwatersrand University Press, 1977.

39. Actualmente, a distância percorre-se em 3h35 por automóvel. https://www.google.com/maps/dir/Maputo,+Moçambique/Waterford+Kamhlaba+United+World+College,+M4W3%2BVMF,+Mbabane,+Essuatíni/@-26.2613987,31.2554776,147311m/data=!3m1!1e3!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x1ee69723b666da55:0x42497f579a6bb442!2m2!1d32.5731746!2d-25.969248!1m5!1m1!1s0x1ee8cfbfd9206e3d:0xd2a7b0ee99e67c1a!2m2!1d31.1041671!2d-26.3028074!3e0?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI1MDMyNS4xIKXMDSoASAFQAw%3D%3D

40. "Team 10 at Royaumont 1962", 666.

A construção coexistiu com a instalação dos primeiros alunos, empregados, funcionários e professores. Trabalhadores locais seriam recrutados para as mais diversas tarefas ligadas à edificação. Os alunos participavam com os seus professores na pintura das paredes e construção de mobiliário, uma vez que as aulas de carpintaria faziam parte do currículo. Um desenho também de Pedro Guedes do andamento dos trabalhos seria publicado em 1975 na *Architectural Design* [41]. Recorrendo a uma perspectiva cavaleira revelava as fases de construção *in slow motion*, desde o fabrico dos tijolos, fundações, betonagem e cofragem, armação de coberturas, aos acabamentos... A sua correspondência com o próprio filme exibia como todo o processo era vivido pela comunidade de Waterford.

Para o ilustrar, escolheram-se nove *frames* protagonizados por residentes, operários e estudantes. Propositadamente, Pancho ou Stern não estão entre as figuras seleccionadas, apesar da natureza colaborativa experimentada no estaleiro. A estória da família Richardson, por exemplo, James ("o bondoso e sábio carpinteiro" [42], que também era *reitor* da escola), Jean e os cinco filhos do casal, que se instalaram em Waterford como "pioneiros", abre esta sequência com uma das crianças molhando os tijolos que secam ao sol. Ombreia com outros *frames* que mostravam trabalhadores operando betoneiras e manuseando ferramentas (um nivelador, por exemplo), e com equipas multirraciais que executavam a cofragem de pavimentos. Um trabalhador "europeu" sorria para a câmara. Pode muito bem ter sido o Senhor Machado que acompanhou Pancho e que vemos em outras imagens assentando azulejos. Os estudantes rebocavam e pintavam as paredes nos intervalos das actividades escolares. Trabalhos de finalização das coberturas com a colocação das telhas revelavam a conclusão dos primeiros edifícios. A limpeza da obra junto ao bloco dos dormitórios era realizada por um grupo de estudantes em conjunto com os trabalhadores africanos. Os dormitórios, entretanto, finalizados, apareciam em segundo plano, enquanto novos trabalhos de betonagem sugeriam o arranque da construção de novos núcleos programáticos. Estas e outras estórias eram indissociáveis da história da própria concepção e desenho de Waterford e esperamos conseguir aprofundá-las no futuro. Waterford era a "visão" de Stern – a sua *arca* – separada da realidade e ensaiado um mundo de "amor e sanidade" [43]. O estaleiro-escola significava já "ensinar bem" [44]. Os edifícios "well-built but poorly finished" [45] nas palavras de Pancho, acabariam por cumprir o seu destino e "os rapazes" em breve começariam "a utilizá-los a seu belo prazer" [46].







41. "Team 10 at Royaumont 1962", 668.

42. P. Guedes, 1964. "The practice of architecture." [ISAA 6th Conference of the Institute of South African Architects, 01/05/1964, Cape Town]; Guedes, 2007, 40-53 (43).

43. Guedes, 1964. "The practice of architecture."; Guedes, 2007, 43.

44. Guedes, 1964. "The practice of architecture."; Guedes, 2007, 44.

45. Ibidem.

46. Ibidem.







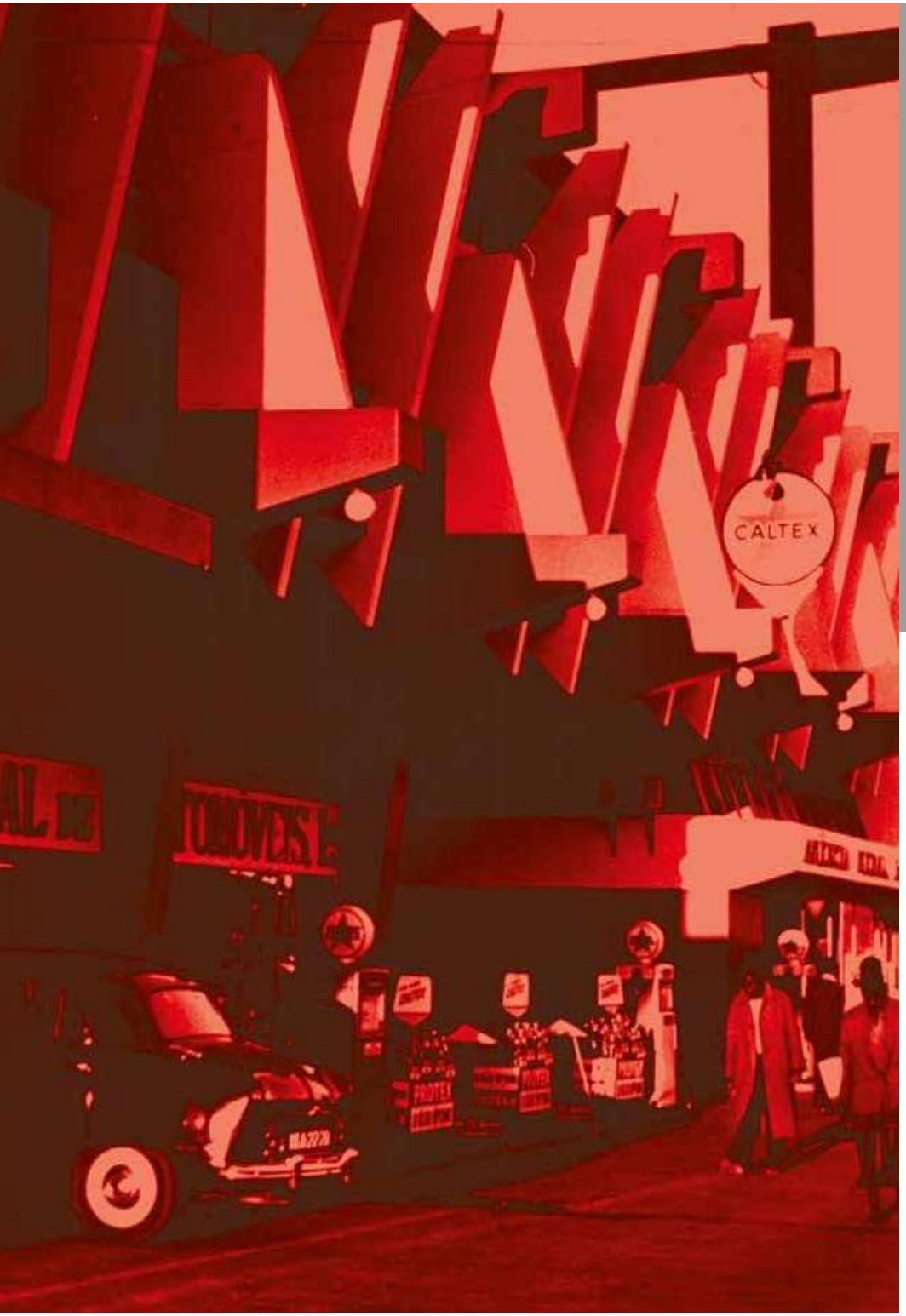






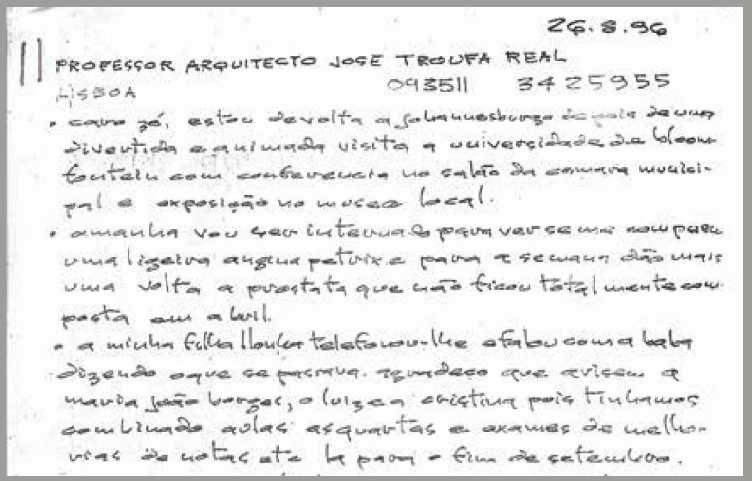
Residentes, Operários e Estudantes de Waterford Kamhlaba, c. 1962/1963, actual Reino de Essuatíni. [Painel com nove frames retirados do filme de 1962/1963, filmado durante a construção de Waterford. Filmagens: anónimos; Montagem: Miranda Stern]. 'Links' para os videos editados por Miranda Stern filmados nos anos 60 em Waterford/Kamhlaba:'Early work low res': https://vimeo.com/862409519?share=copy. 'A day in the life of Waterford film two': https://vimeo.com/862396274?share=copy.

Research co-funded by the European Union (ERC-2022-ADG, ArchLabour, 1101096606). Views and opinions expressed are however those of the author(s) only and do not necessarily reflect those of the European Union or the European Research Council. Neither the European Union nor the granting authority can be held responsible for them.



Carta de Pancho Guedes – 26.08.96

Troufa Real

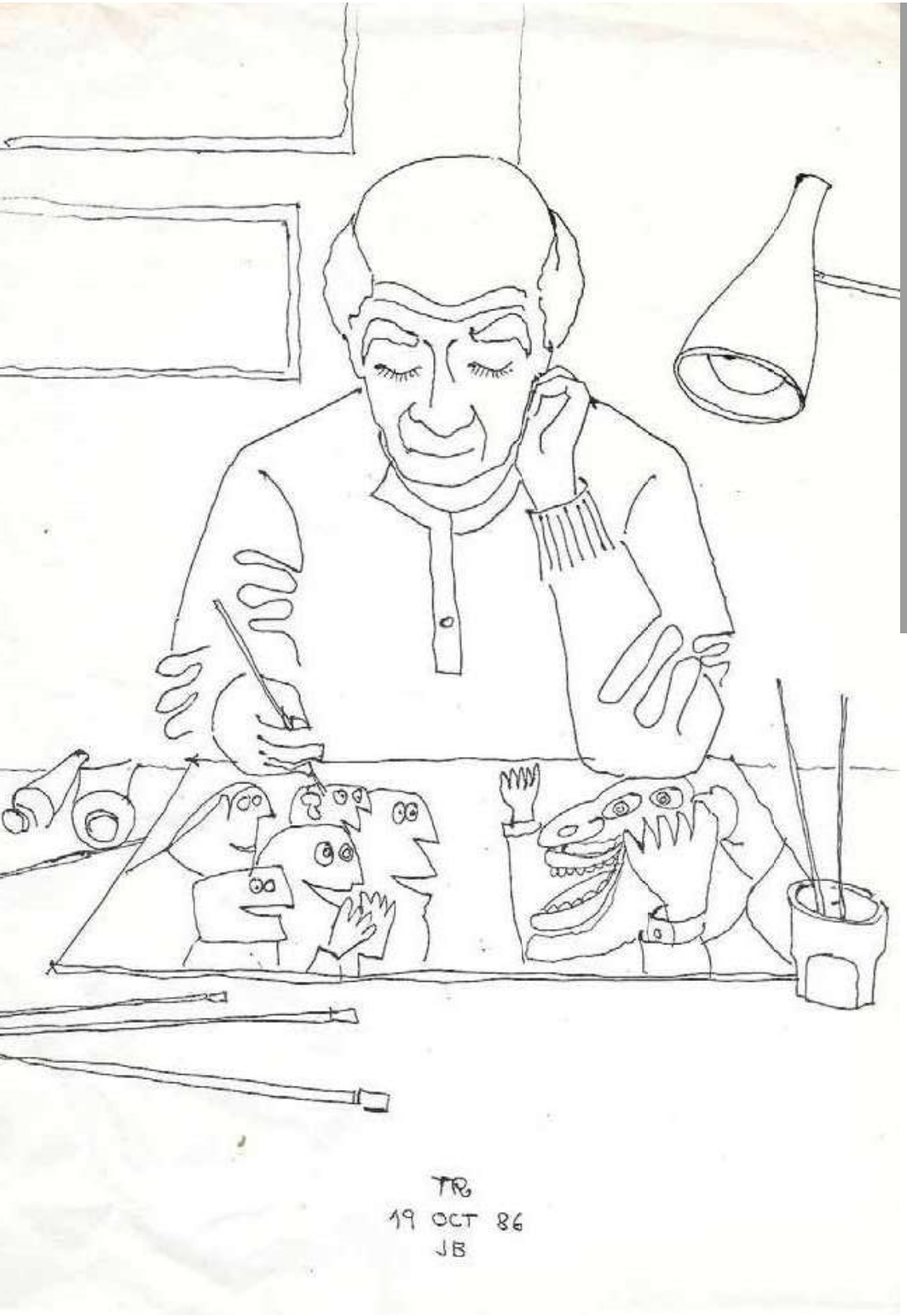


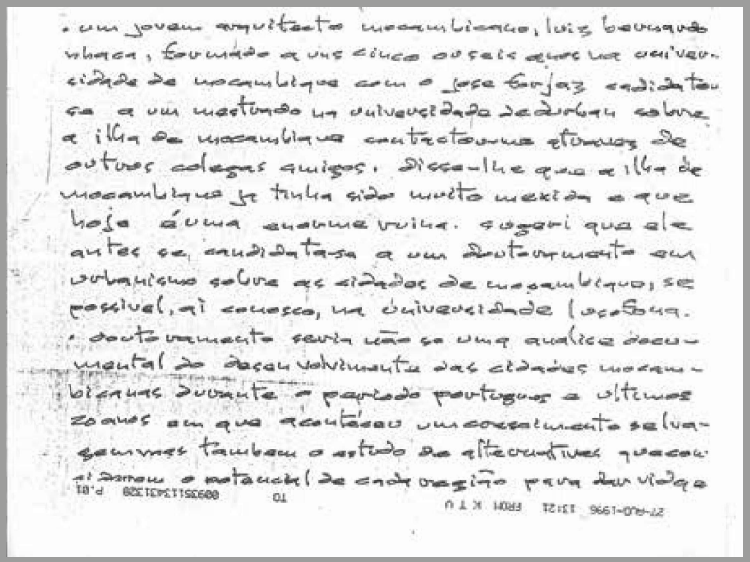
26.8.96

PROFESSOR ARQUITECTO JOSÉ TROUFA REAL

LISBOA 093511 3425955

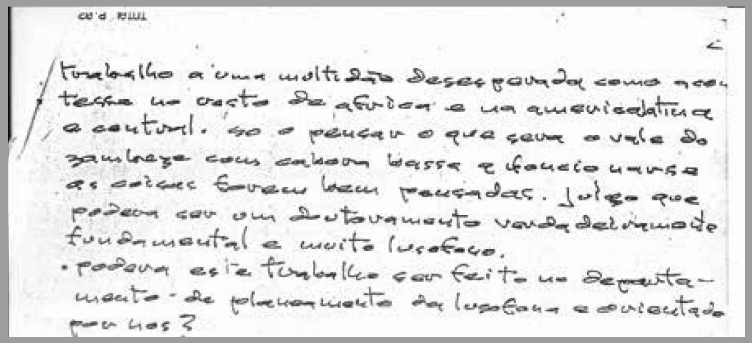
Caro zé, estou de volta a Johannesburgo depois de uma divertida e animada visita a universidade de Bloomfontein com conferencia no salão da camara municipal e exposição no museu local.
Amanhã vou ser internado para ver se me compõem uma ligeira angina petrix e para a semana dão mais uma volta a próstata que não ficou totalmente composta em abril.
A minha filha Llonka telefonou-lhe e falou com a baba dizendo o que se passava. Agradeço que avisem a Maria João Borges, o Luiz e a Cristina pois tínhamos combinado aulas as quartas e exames de melhorias de notas até lá para o fim de setembro.



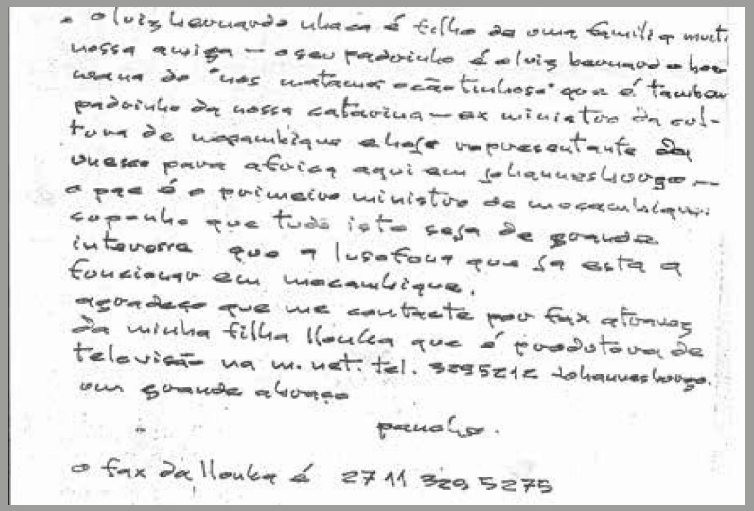


Um jovem arquitecto moçambicano, Luiz Bernardo Nhaca, formado a uns cinco ou seis anos na Universidade de Moçambique com o José Forjaz candidatou-se a um mestrado na universidade de Durban sobre a ilha de moçambique contactou-me através de outros colegas amigos. Disse-me que a ilha de moçambique já tinha sido muito mexida e que hoje é uma enorme ruína. Sugeri que ele antes se candidatasse a um doutoramento em urbanismo sobre as cidades de Moçambique, se possível, aí connosco, na universidade Lusófona.

Doutoramento seria não só uma análise documental do desenvolvimento das cidades moçambicanas durante o período português e últimos 20 anos em que aconteceu um crescimento selvagem, mas também o estudo de alternativas que consideravam o potencial (de cada região para dar vida e



trabalho a uma multidão desesperada como acontece no resto de África e na América Latina e central. Só o pensar o que será o vale do Zambeze com Cahora Bassa e as coisas tavam bem pensadas. Julgo que poderá ser um doutoramento verdadeiramente fundamental e muito lusófono.
Poderá este trabalho ser feito no departamento de planeamento da lusófona e orientado por nós?



O Luiz Bernardo Nhaca é filho de uma família muito nossa amiga – o seu padrinho é o Luiz Bernardo Honwana do "nós matamos o cão tinhoso" que é também padrinho da nossa Catarina – ex ministro da cultura de moçambique e hoje representante da Unesco para África aqui em Joanesburgo o ??? é o primeiro ministro de Moçambique. Suponho que tudo isto seja de grande interesse que a lusófona que já esta a funcionar em Moçambique.
Agradeço que me contacte por fax através da minha filha Llonka que é produtora de televisão na m.net. tel. 3295212 Joanesburgo.

Um grande abraço

Pancho.

O fax da Llonka é 27 11 3295275